



13^a REUNIÃO REGIONAL SUDESTE ANPEd

EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA, LAICA E
GRATUITA: POLÍTICAS E RESISTÊNCIAS

2304 - Pôster - 13a Reunião Científica Regional da ANPEd-Sudeste (2018)
GT 20 - Psicologia da Educação

AGRESSIVIDADE CRIATIVA: A CONSTRUÇÃO DO TERMO

Silvia Gabrielle Braz Coimbra - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Maria Vitoria Campos Mamede Maia - UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

O trabalho aqui desenvolvido faz parte de um recorte de pesquisa em andamento que tem como temática a manifestação de comportamentos antissociais (WINNICOTT, 1975) em sala de aula, com foco na agressividade em suas diversas manifestações. O objetivo, neste trabalho, é evidenciar a construção primária do termo agressividade, com um grupo de educadores da Educação Básica do município do Rio de Janeiro, por meio de oficinas teórico-práticas, no ano de 2017. Como instrumentos, foram utilizadas filmagens, fotografias (KENSI, 2003) e o diário de campo (MINAYO, 2009). Para a análise dos dados levantados, foi realizada uma pesquisa do tipo qualitativa com uso dos critérios de Bardin (2001) com a análise de conteúdos. A partir desta, observamos uma ampliação de discussões dos educadores atuantes nas oficinas, acerca da produção de movimentos agressivos no cotidiano escolar e foram observados relatos de auto reflexão dos docentes envolvidos sobre sua atuação com os educandos.

Palavras-chave: Agressividade, Educação Básica, formação continuada.

AGRESSIVIDADE CRIATIVA: A CONSTRUÇÃO DO TERMO

Resumo:

O trabalho aqui desenvolvido faz parte de um recorte de pesquisa em andamento que tem como temática a manifestação de comportamentos antissociais (WINNICOTT, 1975) em sala de aula, com foco na agressividade em suas diversas manifestações. O objetivo, neste trabalho, é evidenciar a construção primária do termo agressividade, com um grupo de educadores da Educação Básica do município do Rio de Janeiro, por meio de oficinas teórico-práticas, no ano de 2017. Como instrumentos, foram utilizadas filmagens, fotografias (KENSI, 2003) e o diário de campo (MINAYO, 2009). Para a análise dos dados levantados, foi realizada uma pesquisa do tipo qualitativa com uso dos critérios de Bardin (2001) com a análise de conteúdos. A partir desta, observamos uma ampliação de discussões dos educadores atuantes nas oficinas, acerca da produção de movimentos agressivos no cotidiano escolar e foram observados relatos de auto reflexão dos docentes envolvidos sobre sua atuação com os educandos.

Palavras-chave: Agressividade, Educação Básica, formação continuada.

Introdução

O trabalho aqui desenvolvido faz parte de um recorte de pesquisa em andamento que tem como temática a manifestação de comportamentos antissociais (WINNICOTT, 1975) em sala de aula, com foco na agressividade em suas diversas manifestações.

A partir de uma busca realizada em diretórios de pesquisa (Diretório de Grupos de Pesquisa da Capes, no *SciELO*, na Biblioteca de Teses e Dissertações do PPGE/UFRJ, no Banco de teses e dissertações em âmbito nacional - Capes e BDTD- Biblioteca Digital de Teses e Dissertações), nos anos de 2016 e 2017, foi possível perceber que quando o assunto agressividade entra em discussão nas pesquisas em educação, fala-se de uma agressividade do aluno para com o professor. O objetivo da pesquisa aqui desenvolvida foi trazer à baila a discussão reflexiva com esses educadores sobre a possibilidade de uma manifestação de agressividade também nas atitudes e escolhas pedagógicas dos mesmos.

Os dados relatados são resultado de oficinas com educadores da Educação Básica, realizadas no município do Rio de

Janeiro no período entre 13 de abril a 29 de junho de 2017. As oficinas contaram com a participação efetiva de 15 educadores e 6 pesquisadores. Para a recolha de dados, utilizou-se o diário de campo (MINAYO,2009), a fim de manter um registro no qual o pesquisador possa reavivar as memórias vivenciadas. Como apoio, utilizamos a fotografia e a filmagem (KENSI, 2003) a fim de buscar reduzir a subjetividade da pesquisa e manter o caráter fidedigno do material levantado. Para a análise dos dados dessa proposta de trabalho, foi utilizada a análise de conteúdo com base em Bardin (2001).

Dessa maneira, a proposta que foi desenvolvida será apresentada de forma reduzida, seguindo os seguintes itens: em um primeiro momento, trar-se-á a discussão sobre a compreensão de agressividade para os autores desse trabalho e como que tal pensamento foi discutido nas oficinas, utilizando imagens para esse diálogo. Após esse momento, finalizaremos com as conclusões obtidas até o momento.

Construção do conceito de agressividade: do senso comum ao saber compartilhado

Ao propor as oficinas aos educadores, refletimos sobre a necessidade da compreensão do termo agressividade, da maneira pelo qual os pesquisadores envolvidos a compreendem. Tal trajetória de compreensão fez-se necessária diante da exposição do senso comum sobre ser um ser uma criança agressiva dentro do ambiente escolar.

A partir de análises semânticas da palavra agressividade e violência, MAIA (2007, p.45-46) esclarece que

a palavra agressividade possui, em si, uma complexidade inerente já de início: o ato de agredir; e a questão da força e energia para fazer efetuar-se o ato, não subentende, necessariamente, o significado usualmente atribuído à palavra agressividade; a qual seja, destruição ou ato de violência.[...] agredir não é sinônimo de destruir ou de violência necessariamente, aliás, nem isso.

Associado à violência, o conceito de agressividade é utilizado, segundo a autora, longe se sua origem etimológica. Assim, conforme afirma Winnicott (1987, p.89), “De todas as tendências humanas, a agressividade, em especial, é escondida, disfarçada, desviada, atribuída a agentes externos e, quando se manifesta, é sempre tarefa difícil de identificar suas origens”.

Nos estudos deste autor, a agressividade primária é intrínseca ao ser humano, sendo ela a base da criatividade, metaforicamente enunciada por ele como ligada ao ato do apetite do bebê. Mas, para além da agressividade que cria, há igualmente a agressividade que destrói o mundo (MAIA, 2007), uma agressividade disruptiva, em movimento centrípeto.

Para Winnicott (1987), a agressividade, em sua origem de movimento, pode ser agressiva no sentido de violência, dependendo de como o meio em que o ser humano vive a recebe e a significa. Se o movimento é acolhido e compreendido, a agressividade se tornar criativa e parte das experiências de construção do sujeito. Caso este gesto não seja acolhido, há uma quebra no movimento criativo e origina-se, assim, o comportamento denominado por ele de antissocial, já que transgredir a lei, a regra, o que é posto pela sociedade como forma de convivência simbólica (MAIA, 2007). É nesta perspectiva de não acolhimento da agressividade criativa e parte da “força vital” humana, que trabalharemos nesta pesquisa.

A partir da ideia de acolhimento e agressividade como movimento, realizamos a proposta de reflexão sobre o cotidiano, onde brincadeiras ou atividades tornaram-se, de alguma maneira, agressivas. A ideia era que os educadores realizassem uma cena com massa de modelar e explicassem o ponto de vista sobre algo corriqueiro.



Imagem 01: brincadeira e disputa



Imagem 02: pique pega e intencionalidade

Separamos as duas imagens acima, pois possuem, ao nosso entender, a mesma perspectiva de construção de

pensamento: dentro das brincadeiras existe a disputa e a competição, que acarretam a presença de uma agressividade intencional. Ambos os educadores criadores relataram que há, dentro do espaço do brincar, a agressividade intencional pela busca de ter mais que o outro ou de ganhar algo e que são nesses momentos que se observa maior percepção de atitudes agressivas.

Acerca de tal debate, levantaram-se as seguintes possibilidades dentro desses olhares: a) Durante as brincadeiras é quando as crianças possuem real possibilidade de serem elas, sendo assim, há a liberdade de expressão dos movimentos e de desejos; b) será que a intencionalidade pode ser lida nesses casos como tendo um sentido de agressividade reativa?

Uma das ideias primárias da teoria winnicottiana parte do princípio de que a agressividade é um gesto espontâneo de criação do bebê. Quando esse consegue se perceber enquanto criador, constrói seu caminho para a independência. Esta, só sendo possível pelo ambiente de segurança proporcionado pela mãe suficientemente boa, como já argumentado anteriormente.

O acolhimento desse primeiro gesto de agressividade proporciona a confiança para que se viva criativamente. Para Winnicott (1975), os atos disruptivos emergem quando o ambiente não permite um espaço de transicionalidade onde a ludicidade e a criatividade existam no viver do sujeito. Para isso, é necessário que exista a confiança nesse ambiente e, segundo o autor, os atos de confiança humana são os primeiros sinais de comunicação, antes mesmo que a nossa linguagem produza um discurso significativo.

A partir das reflexões advindas das oficinas, foi discutido que provavelmente o ambiente proporcionado diariamente às crianças e aos adolescentes talvez não estivesse sendo suficiente para a fim de que o diálogo fosse o principal meio de interação entre todos. Dessa maneira, em momentos de menor supervisão, como recreio e brincadeiras livres, surge o gesto disruptivo agressivo que não necessariamente traz em si uma intencionalidade de machucar o outro e sim uma reação a um ambiente percebido como intrusivo.

Segundo Winnicott (1987), os atos antissociais possuem um simbolismo totalmente relacionado à falta de limites e, assim, há, por parte de quem sofre as consequências da explosão de raiva, uma dificuldade de compreender que se deveria punir o ato agressivo e não o sujeito que agride, já que este ato seria a expressão de uma falta de acolhimento do meio àquele que se rebela de forma física, sem a atuação da palavra como meio de expressão e reivindicação. Como analisa Winnicott (1987)

De todas as tendências humanas, a agressividade, em especial, é escondida, disfarçada, desviada, atribuída a agentes externos e, quando se manifesta, é sempre tarefa difícil encontrar suas origens. (WINNICOTT, 1987, p.89)

O que se percebeu, ao longo das oficinas com os educadores envolvidos, foi a dificuldade de os educadores envolvidos compreenderem o real sentido de agressividade e de suas manifestações. Percebeu-se que os educadores demonstravam pouca compreensão da faixa etária que acompanhavam e situações como falas atravessadas ou desafiadoras foram constantemente relatadas como agressividade em relação a crianças de 10 e 11 anos.

Após essas discussões iniciais, pediu-se que os educadores expressassem, com palavras recortadas de jornais e revistas, o sentimento revelado até o momento e, abaixo, observamos algumas construções.



Imagem 03: não pertencimento



Imagem 04: mente aberta



Imagem 05: mudança

Tentou-se, a partir das oficinas, levar os educadores a questionarem se o ato que eles denominavam de agressivo disruptivo era realmente isso ou se havia algo do desenvolvimento psicológico da criança que não era entendido por eles ou eram esquecidos como se tais características tivessem ficado esquecidas ao longo da sua graduação.

Conclusão

Para as oficinas, o percurso metodológico escolhido foi fazer com que prática e teoria estivessem em constante diálogo. Sendo assim, a partir dos relatos dos educadores, foram construídas as leituras e as atividades desenvolvidas semanalmente. Para a desconstrução da ideia de agressividade, foram realizados três encontros, dos quais todos buscaram conectar as realidades vividas com o autor base, D.W. Winnicott desenvolveu acerca da temática.

A partir das análises dos materiais produzidos e dos relatórios, foi possível perceber que o ambiente produzido pelas oficinas, aos poucos, tornou-se espaço de confiabilidade e segurança (WINNICOTT, 1964) sendo possível aos educadores falas que demonstravam a percepção do ato agressivo por parte deles próprios em relação às crianças : "Nossa! Eu peço para não gritarem, mas eu mesma grito". Essa relação permitiu que o diálogo com a teoria fosse ampliado e, assim, a compreensão sobre o conhecimento do senso comum fosse ressignificado a partir das ideias acima descritas.

Com esse contexto, podemos concluir que a agressividade, assim como é produzida, é minimizada em um espaço que se permita a transicionalidade entre o vivido externa e internamente e, só assim, refletida a partir das ações vivenciadas.

Referências

KENSKI, V. M. Aprendizagem mediada pela tecnologia. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 4, n. 10, p. 47-56, 2003

MAIA, M.V.C.M. **Rios sem discurso: reflexões sobre a agressividade da infância na contemporaneidade**. São Paulo: Vetor, 2007.

MINAYO, M. C. (Org.). **Pesquisa social – teoria, método e criatividade**. Cap.1. Coleção temas Sociais. Ed: Petrópolis: Vozes, 2009

WINNICOTT, D. **A criança e o seu mundo**. São Paulo: Martins Fontes, 1964.

_____. **A família e o desenvolvimento individual**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1965.

_____. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975

_____. **Privação e delinquência**. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987.